



## BAUMAN E A QUESTÃO DA CULTURA

Elane Silva Campos\*

Zygmunt Bauman (Polônia, 1925), sociólogo, foi catedrático emérito de Sociologia e iniciou sua carreira na Universidade de Varsóvia; posteriormente, tornou-se professor titular da Universidade de Leeds, cargo que ocupou por 20 anos. É um dos mais brilhantes e influentes pensadores da atualidade e autor de diversas obras, entre as quais se encontram: *Ética pós-moderna* (1993), *Em busca da política* (1999), *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual* (2001), *Vida para consumo: a transformação das pessoas* (2008), *Ensaio sobre o conceito de cultura* (2012).

Em seu livro *A cultura no mundo líquido moderno*, Zygmunt Bauman recorda os deslocamentos históricos sobre o conceito de cultura e analisa sua significação no atual contexto social, sobrepujado pela globalização, migração e coexistência conflituosa de populações. Em nosso momento líquido-moderno, em que as hierarquias se decompõem e as pessoas passam de produtores a consumidores inveterados, a cultura já não é humana, mas de guetos e grupos, que se aloca sobre o discurso da diferença e diversidade cultural. Dessa forma, a sociedade contemporânea põe em questão a cidadania, os direitos humanos e a convivência. Entretanto, Bauman nos traz, como processo de reflexão, que acima dos direitos à diferença é substancialmente mais importante nos empenharmos pela luta de direitos à igualdade.

O autor inicia o livro colocando em questão o entendimento de cultura, sob a óptica do consumo, em que o indivíduo tem como maior objetivo o ato de consumir um dado produto, como investimento financeiro pessoal para atingir a satisfação e a felicidade. Bauman caracteriza esse sujeito como um ser "onívoro", ou seja, aquele que consome de tudo, diferente dos seres "unívoros" dos séculos anteriores, que tinham como pressuposto a seleção excessiva em relação ao que consumir. Antes da chegada da Modernidade, a cultura tinha como função hierarquizar e distinguir as classes; dessa forma, aquilo que era estabelecido por uma dada classe social no topo da pirâmide, como "bom e belo", deveria necessariamente ser passado e repassado para as demais classes. Para possibilitar um melhor entendimento sobre

---

\* Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (U'PM). Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). E-mail: profelanecampos@hotmail.com

essas questões o autor traz apontamentos de Pierre Bourdieu, que, nessa perspectiva de discussão, assinala que, a partir das mudanças sociais decorrentes da era moderna, houve estabelecimento de uma nova finalidade para o conceito de cultura. Anteriormente à era moderna, toda contribuição artística era direcionada apenas a uma única classe social; assim a arte destinada ao consumo estético garantia e protegia a definição e/ou segregação das classes. Desse modo, com todas essas transformações socioculturais, foi surgindo o que Bauman define como "modernidade líquida":

"Modernização", compulsiva e obsessiva, capaz de impulsionar e intensificar a si mesma, em consequência do que, como ocorre com os líquidos, nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo. "Dissolver tudo que é sólido" tem sido a característica inata e definidora da forma de vida moderna desde o princípio (p. 16).

Na cultura "líquida", o objetivo predominante é ganhar consumidores. Nessa perspectiva, em um segundo momento do livro, Bauman traz a moda como um elemento mutável na modernidade líquida. A moda é pensada por ele como algo que existe, mas "nunca apenas é", a moda existe sobre a sombra do que pode vir a ser, como um fenômeno social. Entretanto, ela multiplica e intensifica diferenças, desigualdades, discriminações e deficiências, que ao mesmo tempo promete suavizar e, em última instância, eliminar: "A moda coloca todo o estilo de vida em estado de permanente e interminável revolução" (p. 26). O autor traça alguns apontamentos que colocam a moda como um fundamental elemento do progresso, um tipo de mudança que distorce o sentido de entendimento de valor humano. A moda como um constante "devir", "desvaloriza tudo aquilo que ela deixa atrás de si e substitui por algo novo" (p. 23).

O progresso saiu do discurso da melhoria compartilhada da existência para o discurso da sobrevivência pessoal. A busca da identidade se faz dentro de um conflito existencial e ambíguo, em que se deseja ser o outro e ao mesmo tempo ser singular. No próximo capítulo sobre a cultura e a globalização, aparece uma divisão de ideias sobre o que seria manter uma cultura dentro dessa ambiguidade singular e líquida.

Para Bauman, a globalização nos coloca em xeque a todo momento, quando o assunto é pensar o outro e a si mesmo, pois na lógica globalizada temos como consequência mútua a separação entre política e poder. Esse movimento, segundo o autor, traz em si um discurso de respeito às diferenças, ancorado no "multiculturalismo" que à primeira vista parece considerar a importância da diversidade cultural em meio à era global. No entanto, o autor nos alerta de que o "multiculturalismo" hoje é apontado como uma solução frequente das classes influentes e importantes politicamente, para omitir um processo social inconstante, quando a pergunta é: quais valores devemos cultivar e que caminho seguir em nossa era de incertezas?

No quarto capítulo, o autor afirma que a cultura está entrelaçada ao mundo das diásporas, pois a construção de uma nação moderna dependia da substituição de antigas obrigações em relação à paróquia, ao bairro ou à busca por novos deveres cívicos em relação a uma entidade abstrata, independentemente da experiência direta, e das regras por ela estabelecidas e vigorosamente defendidas pela ameaça e pela força. Destarte há um não entendimento de cultura como processo de transformação social e um solapamento de identidades culturais. Bauman reafirma isso no quinto capítulo, quando trata da cultura numa Europa em processo de unificação, pois a União Europeia não solapa as identidades dos países que nela se unem. Ele afirma que a globalização, ao corroer a soberania dos Estados-Nação, desintegra os alicerces da independência territorial, antigo abrigo da identidade nacional e garantia de sua segurança durante os últimos duzentos anos. Para o autor, a globalização teria fragmentado ainda mais a soberania nacional, se não houvesse uma forte estrutura de solidariedade na União Europeia.

Pensar "a modernidade sem modernismo" é o mesmo que considerar a libertação do homem e/ou da sociedade na miséria e no sofrimento, ou ainda considerar a arte sem a existência do artista. Nessa perspectiva, no sexto e último capítulo Bauman traz uma importante discussão sobre a cultura entre o Estado e o mercado. Aqui o autor trata da interferência do Estado na arte, no que tange ao seu "valor".

Segundo Bauman, o envolvimento do Estado francês começou mais cedo que na maioria dos países europeus, sob o patrocínio dos reis e da nobreza. Os primeiros exemplos de financiamento das artes pelas autoridades, assim como iniciativas que hoje seriam apresentadas sob o título de "política cultural", apareceram duzentos anos antes que fosse grafado o termo "cultura". Assim o autor denota que podemos supor que o conceito surgiu da ambição e da iniciativa dos reis.

Hoje vivemos na lógica do "cabo de guerra", como bem coloca o autor, quando se refere à disputa sobre o patrimônio cultural e a produção e consumo de cultura. A mediação de levar arte ao público não é nenhuma novidade, pois ela costumava estar, para o bem ou para o mal, sob o patrocínio do Estado, causando maior ou menor satisfação aos artistas. Mas, para o autor, o que está em pauta na fase atual desse cabo de guerra não é apenas a resposta à pergunta "Quem está no comando?", mas o próprio sentido de gerenciar arte, o propósito de gerenciamento e suas consequências desejadas. Se a arte veio como pressuposto de exaltação à vida e como forma de nos salvar do esquecimento, será que "a cultura poderá sobreviver à desvalorização do ser e ao declínio da eternidade" (p. 102).

Bauman percebe que a cultura em nosso mundo atual está desajustada de seu verdadeiro propósito. A cultura como elemento social foi fragmentada e hierarquizada mais uma vez, só que agora nos guetos e em grupos organizados que nos colocam diante de uma modernidade sem modernismo, projetada na era instável e líquida. *A cultura no mundo líquido mo-*

*derno* possibilita uma profunda reflexão sobre a cultura e a arte num mundo de constantes mudanças e transformações sociais, onde o objetivo não é destruir o que veio antes, nem tão pouco projetar um possível futuro, mas tão só a experimentação e vivência do agora.

BAUMAN, Z. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013. 111 p.